



## **“NÃO ERA CRIMINOSO, NEM SUBVERSIVO, PODERIA SE EXPLICAR”\*: A HISTÓRIA DE VLADIMIR HERZOG POR PAULO MARKUN**

**Eliane Alves Leal\*\***  
**Universidade Federal de Uberlândia (UFU)**  
[elianealvesleal@hotmail.com](mailto:elianealvesleal@hotmail.com)

“A morte de Vlado permitiu a abertura, mudou o Brasil. Mas sinceramente, eu preferia o meu amigo vivo”.

KONDER, Rodolfo.

Recuperar um instante do passado somente é possível quando compreendemos que não existe um tempo estático, homogêneo e vazio. Nesse sentido, o livro de Paulo Sérgio Markun *Meu Querido Vlado, a história de Vladimir Herzog e do sonho de uma geração* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2005), demonstra que a trajetória do jornalista Herzog – morto sob tortura nas dependências do Doi-Codi do II Exército, em São Paulo, – constitui-se um momento que pulsa na realidade histórica brasileira atual. É o passado se fazendo ver em questões presentes, sendo relido e reinterpretado à luz do trigésimo aniversário de morte de Vlado.

Markun, chefe de reportagem da TV Cultura à época do assassinato, amigo e companheiro de militância de Herzog no Partido Comunista Brasileiro (PCB), foi responsável, em 1985, por *Vlado: retrato da morte de um homem e de uma época* (São Paulo: Brasiliense, 1985). Neste último, a narrativa é construída por meio de

---

\* A frase é original de Vladimir Herzog dita e repetida aos outros amigos por Marco Antônio Rocha quando este lhe aconselhou a fugir antes de ser preso no DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna).

\*\* Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq no Projeto Integrado sob o título *O Brasil da Resistência Democrática: o Espaço Cênico, Político e Intelectual de Fernando Peixoto*, coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Patriota Ramos. Integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC).

depoimentos daqueles que tiveram, com Vlado, algum nível de convivência pessoal ou profissional.<sup>1</sup> Não se restringindo a isso, colheu também informações em documentos oficiais, tais como o IPM (Inquérito da Polícia Militar) e notas em periódicos. Já em *Meu Querido Vlado* a trajetória de Herzog foi remontada tal qual uma biografia crítica e reflexiva. O confronto entre essas duas posições revela diferentes abordagens, especialmente, em relação à exposição de relatos mais impressionantes da tortura que, propositalmente ou não, são ignorados. Além disso, há outro diferencial: o fato de não omitir a militância comunista de Herzog e de outros jornalistas presos na mesma época. A reestruturação do Partido Comunista, em 1970, e os movimentos estudantis também estão presentes em seu novo trabalho.

Dessa forma, diferentes pontos da História Brasileira surgem no decorrer do livro, porque, juntamente com a trajetória de Vladimir Herzog, aparecem relatos de outros companheiros tanto de militância, quanto de amizade e reminiscências históricas. Assim, o contexto social se materializa, especialmente, a partir das memórias e pesquisas do autor.

A prioridade, contudo, é dada às inúmeras prisões de jornalistas em outubro de 1975, dentre elas a de Herzog.<sup>2</sup> De forma elucidativa, Markun afirma que elas representaram o desejo de um segmento militar de “endurecer” e “fechar” ainda mais o regime. Assim, é apresentada a cisão existente no interior do alto comando do Exército, a saber: o primeiro segmento chamado de castelistas ou da Sorbone que defendiam a tese da abertura “lenta, gradual e segura”, e a segunda de militares pertencentes à “linha dura” contrários a qualquer tipo de abertura.

Nesse processo, o ano de 1975 está na linha de fronteira entre os dois segmentos. No momento em que o presidente Ernesto Geisel prometeu realizar uma abertura “lenta, gradual e segura” a oposição cresceu e tentou avanços para um segundo golpe dentro do golpe – o primeiro foi o Ato Institucional nº5 em 1968. De acordo com Markun, a morte de Vlado funcionou como freio para a ultradireita e, ao mesmo tempo

---

<sup>1</sup> Alguns dos depoimentos: Clarice Herzog, Luís Weis, Rodolfo Konder, Marco Antonio Rocha, Fernando Moraes, Eric Nepomuceno, Audálio Dantas, Paulo Egydio Martins, Cardeal Paulo Evaristo Arns.

<sup>2</sup> A operação de prender dezenas de pessoas de uma classe ao mesmo tempo foi comparada com a Operação Jacarta ocorrida na Indonésia, em 1965, quando houve o extermínio de milhares de pessoas, logo após a derrubada do presidente Sukarno. Imaginada pelos militares da ultra-direita uma operação desse tipo aconteceu no Brasil. A intenção era aprisionar cerca de duas mil pessoas, dentre elas sindicalistas, políticos, agentes comunitários que tivessem contato com D. Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo, professores, estudantes universitários, militantes fichados do PCB e jornalistas.

como causa social comum que convocou as várias frações sociais a contestar o regime outra vez.

Essa tese defendida pelo autor encontra respaldo na bibliografia referente ao caso Herzog.<sup>3</sup> Não obstante, mais uma vez, sua exposição vai além de outras obras, quando traz a declaração de que a luta não se restringiu às ruas. Ambas as partes – repressores e reprimidos – tentaram tornar hegemônica a sua versão dos fatos, utilizando como meio principal a imprensa.

Nesse ponto está a face pública da morte de Vlado que se mostra na realização do Culto Ecumênico e em sua divulgação, o que, para o autor, transformou-se num marco significativo da História Brasileira na década de 1970, uma vez que reuniu cerca de oito mil pessoas, num protesto silencioso contra as arbitrariedades.

O Culto mostrou, não só para as autoridades, mas também para a população que prisões e mortes não seriam mais toleradas. O primeiro passo da resistência foi desmanchar a farsa montada, pelos militares, para comprovar o suicídio de Herzog, prontamente descartado por amigos e conhecidos do jornalista. Nesse momento a “veia” jornalística de Paulo Markun fica mais visível, haja vista que ele reúne farto material de indicação dos problemas do IPM e da versão oficial da morte. A nós, chega com a seguinte conclusão: “O IPM EXIGIDO POR GEISEL FOI UMA FARSA”.<sup>4</sup>

O relatório final do inquérito apontava, dentre outras coisas, os jornalistas Luis Weis, Marco Antônio Rocha, Rodolfo Konder e Markun como delatores de Vlado, fato esse inverossímil. Além de terem sido ouvidos sob coação e tortura, o que coloca em xeque a veracidade dos testemunhos, é sabido que, desde 1965, o nome de Herzog aparecia arrolado em um relatório confidencial do Dops “entre os profissionais de imprensa que, aberta ou veladamente, se mostram contrários ao Movimento Revolucionário”.<sup>5</sup>

A reação direta à morte de Vlado encontra nos jornalistas e em seu sindicato suas primeiras respostas. Diz Markun: “o sindicato dos jornalistas tornou-se o pólo de atenção para onde acorreram os jornalistas. O medo era grande, mas havia também a

---

<sup>3</sup> São fontes para Markun: **A Sangue Quente**, a morte do Jornalista Vladimir Herzog, de Hamilton Almeida Filho (São Paulo: Alfa Omega, 1978); **Vlado Herzog**, o que faltava contar, de Trudi Landau (Petrópolis: Vozes, 1986) e **Dossiê Herzog**, prisão, tortura e morte no Brasil, de Fernando Jordão (São Paulo: Global Editora, 1979).

<sup>4</sup> MARKUN, Paulo. **Meu Querido Vlado**. A História de Vladimir Herzog e do Sonho de uma Geração. Rio de Janeiro, Objetiva, 2005, p. 32-33.

<sup>5</sup> Ibid., p. 147.

disposição de resistir”.<sup>6</sup> O que o autor nos inspira a perceber é um conflito de versões presente no período de morte de Herzog. De um lado a força militar que tentava “empurrar” à população a versão de suicídio ou “asfixia mecânica por enforcamento”. E do outro lado estava a certeza de morte resultante de tortura, um “acidente de trabalho”. A resistência cresceu não só nas ruas, mas dentro da imprensa que se tornou pólo de disputa entre os dois lados.

A historiadora Lílian Perosa, em *Cidadania Proibida: O caso Herzog através da Imprensa* (tese defendida em 1998), comunga da mesma idéia quando vê esse momento como disputa de memória, isto é, “a memória coletiva é a razão da luta pela dominação da tradição, e os silêncios da história revelam os mecanismos para manipulá-la”.<sup>7</sup> Daí uma razão para a ação dos censores que impedia a publicação de matérias, nos principais jornais, dentre elas o artigo *Em Nome da Verdade*<sup>8</sup>, escrito em conjunto no Sindicato dos Jornalistas, que contestava os resultados do IPM. E a conseqüente resposta dos jornalistas que desejavam levar a público a farsa montada, conseguindo a vitória maior em 1978 quando o juiz Márcio José Moraes responsabilizou a União pela morte de Vladimir Herzog.

Em seu último capítulo, sob o título “Segredos Eternos”, Markun ressalta que o Caso Herzog ainda está oculto por um véu de dúvidas e incertezas. Em primeiro lugar, discute as lutas e expectativas de grupos, como “Tortura Nunca Mais”, pela abertura total dos arquivos referentes à Ditadura Militar (1964-1985).<sup>9</sup> De forma clara, deixa ver que somente com esses documentos, nas mãos de pesquisadores, será possível elucidar

---

<sup>6</sup> MARKUN, Paulo. **Meu Querido Vlado**. A História de Vladimir Herzog e do Sonho de uma Geração. Rio de Janeiro, Objetiva, 2005, p. 127. Para Audálio Dantas, na época presidente do Sindicato dos Jornalistas, em São Paulo, a participação desse órgão no movimento de rejeição ao inquérito oficial, foi fundamental. Diz ele: “Se o sacrifício de Vlado foi, sem sombra de dúvida, o ponto de partida para o desmonte do aparelho de repressão armado pela ultradireita, que lutava pela hegemonia na ditadura militar, a atuação do Sindicato no episódio marcou o momento em que se abriu espaço para o crescimento da resistência da sociedade civil ao regime instalado no país com o golpe de 64” (HOMENAGEM A VLADIMIR HERZOG. Disponível em:

<<http://www.fpabramo.org.br/especiais/vlado/audaliiodantas.htm>> Acesso em: 28 nov. 2005.

<sup>7</sup> HERZOG, CASO REABERTO. **Observatório da Imprensa**. Disponível em:

<<http://observatório.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=302JKB001>> Acesso em: 17 nov. 2005.

<sup>8</sup> EM NOME DA VERDADE. **Observatório da Imprensa**. Disponível em:

<<http://observatório.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=302JKB001>> Acesso em: 17 nov. 2005.

<sup>9</sup> O debate sobre a abertura dos arquivos se acentuou nos últimos anos. O Presidente Luis Inácio Lula da Silva assinou um decreto em novembro de 2005 quebrando parte do sigilo que mantinha os documentos inconsultáveis. Eles deverão estar disponíveis até janeiro de 2006. Para tal, foram divididos em: sobre o Regime Militar, os quais estarão abertos para pesquisas, sobre torturas e torturados que somente poderão ser pesquisados com autorização da vítima ou de parentes e os sigilosos que não poderão ser pesquisados.

pontos importantes da História Brasileira. E, o mais importante, evitar que parte de arquivos pessoais seja lançada de qualquer maneira ao público.

Markun chega a essa conclusão depois de refletir sobre a publicação, em 2004, de fotos de um homem nu, em sala do Doi-Codi, pelo *Correio Braziliense*, que fez ressurgir questões silenciadas durante o processo de redemocratização do país. Seria aquele homem Herzog? Clarice Herzog diz que sim, a Abin (Agência Brasileira de Inteligência, ex-SNI – Serviço Nacional de Informações da Ditadura Militar) diz serem do padre Leopold d’Astous. O autor segue com a Abin. Todavia, independente da autenticidade, as fotos representam “uma legião de brasileiros um dia vitimados pela tortura e pela ocultação dos corpos”.<sup>10</sup>

Entretanto, a versão da Abin não foi totalmente aceita nem as dúvidas sanadas. Rudolfo Lago e Erica Andrade, autores da matéria no *Correio*, têm restrições às declarações fornecidas pela Agência. Diz Lago:

Não entendo (só porque quero ser delicado) é por que alguns jornais e revistas compraram tão facilmente a versão da Abin de que não era Herzog. Eles não apresentaram fotos. O nome do padre Leopold D’Astous não apresentaram oficialmente. Entregaram uma história mal contada para contrariar uma outra que tinha uma testemunha das mais insuspeitas, o depoimento de vários amigos, e um laudo técnico do perito Ricardo Molina. [...] As fotos não tinham identificação. Eram três fotos de um homem calvo, com cabelos apenas dos lados. Pareciam ser fotos da mesma pessoa. Quando Clarice nos confirmou que tinha certeza ser de Herzog a foto do homem nu que aparece de frente, com a cabeça baixa e a mão tentando esconder seu rosto, concluímos que as três fotos eram de Herzog. Numa das fotos, havia um homem nu ao lado de uma mulher. Essa foto – e, ao que tudo indica, apenas essa – parece ser do padre canadense Leopold D’Astous. O padre não se reconhece na foto que Clarice afirma com toda a segurança ser de Herzog. E Clarice desde o início disse ter dúvidas quanto à foto em que aparece a mulher. O *Correio* em nenhum momento escondeu isso. Desqualificada essa foto, o governo apressa-se em desqualificar a outra. Mas o padre diz que não é aquele homem nu que aparece de frente. Seu advogado à época diz que em todas as fotos que apareceram na época o padre estava ao lado da mulher. Em nenhuma estava sozinho. É muita estranha a pressa em desqualificar a reportagem do *Correio*. Além disso, o trabalho de desconstrução ainda revela outra barbaridade cometida nos tempos da ditadura [a da humilhação de sacerdotes].<sup>11</sup>

<sup>10</sup> HISTÓRIA PARA NÃO ESQUECER. **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <<http://observatório.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=302JKB001>> Acesso em: 17 nov. 2005.

<sup>11</sup> COMPRARAM FÁCIL A VERSÃO DA ABIN. **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <<http://observatório.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=302JKB001>> Acesso em: 17 nov. 2005.

As palavras de Lago demonstram que não há justificativas para a pouca importância que a imprensa e as autoridades deram ao caso, especialmente os jornalistas que poderiam ter explorado muito mais o assunto. Por que não fazer algumas perguntas incômodas como: em quais indícios a Agência se baseou para afirmar ou negar a autenticidade da foto? Por que o governo de um ex-líder sindical, que sofreu com a Ditadura, teve tanto interesse em desconstruir a foto e dar-lhe insignificante valor? Diante disso, Markun faz uma séria crítica às pautas da imprensa hoje. Pois, segundo ele, as grandes reportagens cederam lugar às manchetes instantâneas, como se a reflexão não fizesse parte do trabalho jornalístico. Para o autor, a imprensa deve buscar, acima de tudo, a “verdade” dos fatos.

A reportagem do *Correio*, antes de qualquer coisa, representa e “reafirma a memória como instrumento indispensável à consolidação democrática”.<sup>12</sup> Por isso é indispensável lembrar e pensar sobre tudo o que aconteceu entre 1964 e 1985, impedindo que o grande medo do autor de *Meu Querido Vlado* torne-se real: a anistia ser sinônimo de esquecimento.

Assim, da mesma forma que esse trabalho apresenta respostas e lança luz sobre um período ainda obscuro da História Brasileira, também abre questões que, invariavelmente, levarão os estudiosos a retomar o Caso Herzog. Questões estas que a narrativa de Markun não explicita, mas inspira. Apresentemos aquelas que chamam a atenção diretamente do leitor: o que foi aquele “estardalhaço” feito antes da prisão de Vlado? As prisões geralmente eram secretas, discretas e clandestinas, por que foi diferente daquela vez? Será que as autoridades não tinham tanto desejo pelo sigilo para espalhar o terror? E ainda, se Herzog era um “perigoso subversivo” por que deixá-lo se apresentar um dia depois do mandato de prisão na TV Cultura? Ou talvez, seria melhor perguntar: se ele não era tão “perigoso”, uma vez que pôde se apresentar depois, por que a morte? “Acidente de trabalho”?

E, finalmente, quiçá a maior de todas as questões: o que ocorreu no espaço entre a entrada de Vladimir no Doi-Codi e sua morte oito horas depois? Como pôde acontecer com alguém que tinha endereço fixo, emprego, família, se apresentou voluntariamente para interrogatório e, nas suas palavras, não era criminoso nem subversivo, podendo muito bem se explicar?

---

<sup>12</sup> CLARICES E GORILAS. **Observatório da Imprensa**. Disponível em:  
<<http://observatório.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=302JKB001>> Acesso em: 17 nov. 2005.

A princípio *Meu Querido Vlado: a história de Vladimir Herzog e do sonho de uma geração* pode parecer um “acerto de contas” entre Markun e seu passado. Mas não é nada disso, o livro não pretende apresentar o autor, seus companheiros ou Vlado como heróis de um tempo. São apresentados sim como vítimas de atrocidades cometidas em nome de um ideal distorcido de liberdade e segurança nacional. A obra, nesse sentido, é fundamental por constituir uma fonte documental sobre esse período sombrio da História Brasileira.

A importância dada, em especial pelos historiadores, a livros como os de Paulo Markun e à nova edição revista e ampliada de *Dossiê Herzog, prisão tortura e morte no Brasil* de Fernando Pacheco Jordão (São Paulo: Global Editora, 2005) se deve ao fato de trazer inesgotável fonte documental de pesquisa que permite elucidar questões sobre o período ditatorial brasileiro. É viável dizer isso quando compreendemos que um documento “contém múltiplas formas de utilização, um autêntico registro de múltiplas significações e possibilidades de investigação”.<sup>13</sup> Analisados, minuciosamente, muito se pode descobrir em relação ao período. Contudo, o que se percebe é que pouco trabalho foi realizado pelos olhos da historiografia neste sentido. E, bem sabemos que jornalistas e historiadores utilizam-se de métodos diferentes sobre uma mesma fonte. Nada melhor então que ambos, cada um em seu campo, se unissem por uma mesma causa.

Talvez esse ponto de encontro esteja na especificidade do livro *Meu Querido Vlado*. Markun compreende que a História do Brasil ainda está para ser feita. O autor não utiliza termos da historiografia, mas é perceptível que acredita que História se faz a partir de documentos, por isso busca reunir o maior número possível deles. Porque sabe, nas palavras de Adalberto Marson, que documento: “é vestígio de acontecimentos, é também um ato de poder, [...], capaz então de dirigir os horizontes da historiografia em seus temas e periodizações”.<sup>14</sup>

O livro *Meu Querido Vlado*, sem dúvida, é uma centelha de luz lançada nos obscuros anos da Ditadura Militar. É interessante não apenas para estudiosos do tema, mas para todos que desejam conhecer fatos da recente História Brasileira.

Que Paulo Markun o faça, caro leitor, refletir sobre o passado e, principalmente, sobre o presente! Boa leitura!

---

<sup>13</sup> MARSON, A. Reflexões sobre o Procedimento Histórico. In: SILVA, M. A. da. (Org.). **Repensando a História**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984, p. 55.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 56.